

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3  
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE  
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE  
Artigos

2016

# TINDOLELÊ: MÚSICA NA ESCOLA

*Professor/PDE: Andrea Simoni da Silva Bortollo Petrocelli*

*Orientador/IES: Dr<sup>a</sup> Vania Malagutti Fialho*

**Resumo:** Este projeto teve por objetivo desenvolver uma proposta músico-pedagógico na Escola Estadual Professor Francisco José Periato de Mandaguaçu, com alunos de 6º ano do período matutino. A proposta foi uma pesquisa-ação, que visou discutir questões como: quais os caminhos metodológicos para uma prática musical escolar que considere as vivências musicais dos alunos? Como organizar o material didático para uma prática musical significativa? Como gerenciar e implantar uma ação musical efetiva na escola? O planejamento e o material didático foram flexíveis de modo que a implementação foi desenvolvida dentro de uma abordagem de pesquisa-ação, onde a reflexão esteve presente o tempo todo tornando as aulas de música mais significativas, contribuindo com uma proposta pedagógica e metodológica que colaborou para o reconhecimento da educação musical e o seu valor na formação dos cidadãos.

**Palavras-chaves:** Educação musical; cotidiano; flauta doce.

## 1- “TINDOLEANDO”: UMA PROPOSTA MÚSICO-PEDAGÓGICA

Este texto relata um projeto cujo objetivo foi desenvolver uma proposta músico-pedagógico, usando diversos instrumentos musicais e possibilidades sonoras, e, inclusive a flauta doce, na Escola Estadual Professor Francisco J. Periato de Mandaguaçu - PR, com alunos de 6º ano do período matutino. Aqui apresento, inicialmente um breve histórico dos porquês de meu interesse pelo tema, bem como da importância do mesmo para a escola onde atuo. Na sequência, contextualizo o local onde implementei a proposta pedagógica. Em seguida, abordo os autores que sustentaram as ações musicais e a metodologia que usei na efetivação deste projeto.

### 1.1 O começo: eu e a música na escola

Atuo desde 2001 como docente da disciplina de Arte na Rede Pública Estadual de Ensino do Paraná. Minha formação é Educação Artística com habilitação em artes visuais. Tenho também uma formação musical, que

ocorreu em uma escola específica de música, com o ensino do piano, o qual cursei durante 9 anos, na infância.

Nos primeiros anos de docência deparei-me com questionamentos a respeito do currículo da disciplina de Arte, na tentativa de trabalhar as quatro áreas específicas da disciplina: música, teatro, dança e artes visuais. No ano de 2008, com a implementação da lei 11.769/08 que tornou obrigatório o ensino de música no ensino fundamental e médio, passei a concentrar maior empenho em planejar os conteúdos de música dentro do planejamento pedagógico. Porém, a prática musical estava fora das minhas possibilidades em sala de aula. Isso porque a falta de formação e de metodologia para o ensino da música não me proporcionavam segurança para desenvolver seus conteúdos. Dessa forma, no planejamento de música, priorizei os conteúdos conceituais e o estudo de música em uma abordagem teórica, aulas expositivas e, no máximo com apreciações musicais. Assim, as aulas não eram exatamente aulas de música, mas aulas sobre música.

Em 2013 assumi o programa de Atividade Complementar Curriculares em Contraturno. Este programa constitui-se de atividades integradas ao currículo escolar que oportunizam aprendizagem, visando ampliar a formação do aluno. O atendimento do programa é para alunos que se encontram em situações de vulnerabilidade sociais, bem como para as necessidades socioeducacionais, considerando o contexto social descrito no projeto pedagógico da escola e o baixo IDEB.

Quando assumi o programa, propus como atividade, dentro do macrocampo cultura e arte, a musicalização através da flauta doce. Escolhi o tema e a flauta doce como instrumento por saber da existência desse material em minha escola. O material ficou encaixotado na sala de arte por meses e o meu incômodo sempre foi grande, pois eu não conseguia encontrar no meu planejamento possibilidades para utilizá-los de maneira que contribuíssem com o currículo de música. Ao mesmo tempo, sentia uma responsabilidade que me pesava por saber que entre os professores de arte da escola, todos como eu, com formação em artes visuais, eu era a única que tinha alguma experiência com a música. Isso me impulsionou na busca por uma metodologia na qual eu conseguisse fazer uso da flauta doce, mesmo sem ter formação com o instrumento. Então decidi que no projeto, que era algo mais específico, iria

ousar e aprender junto com meus alunos a explorar esse instrumento e promover a educação musical como forma de aprendizado.

Para realizar meu trabalho utilizei o Caderno de Musicalização: canto e flauta doce<sup>1</sup>, que é um material de apoio da disciplina de arte que traz conteúdos de música e propõe a aprendizagem da flauta doce. O material foi disponibilizado na escola juntamente com as flautas e conta com alguns vídeos disponíveis no Portal da Educação do Paraná. Com esse material iniciei o trabalho e fui acrescentando outras partituras que traziam os nomes das notas. No início com canções infantis mais lúdicas e aos poucos fui introduzindo canções mais avançadas. Dentro dessa seleção fui abordando as figuras de notas, os elementos formais da música, a biografia dos compositores, os ritmos variados, a música erudita e assim fomos construindo o conhecimento musical.

O projeto trouxe um envolvimento musical capaz de despertar neles o interesse em ouvir estilos musicais diferentes dos que ouviam no seu cotidiano, se tornou um lugar de convivência agradável e gerou integração entre os alunos. Com a flauta doce tive possibilidade de trabalhar com uma turma diversificada, com diferentes graus de desenvolvimento e o instrumento proporcionou motivação para que os alunos desejassem estar no projeto.

Considerando a minha experiência como professora da Escola Estadual Professor Francisco J. Periotto, na disciplina de arte e no programa de Atividade Complementar Curricular em contraturno surgiu meu interesse de abordar no PDE uma forma de organizar e ressignificar os conteúdos de música, utilizando a flauta doce para aplicá-los na sala de aula. No programa contei com uma carga horária de 4 aulas semanais, com alunos de faixa etária diversificada, que frequentavam no contraturno, por se identificarem com o conteúdo proposto. Essa identificação, porém, não garantiu a permanência dos mesmo no projeto. Percebi durante esses três anos de funcionamento a necessidade de busca por um repertório e por atividades que pudessem envolvê-los de maneira mais significativa.

O problema investigado e respondido foi: Qual metodologia utilizar para trabalhar os conteúdos musicais em sala de aula, através da flauta doce, proporcionando uma aprendizagem capaz, de ao mesmo tempo, estimular os

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=246>  
acessado em 20/07/2016

alunos a desvendar o mundo musical que os cerca e ser coerente com o contexto histórico e cultural?

## **1.2 Por que desenvolver o Tindolelê na escola?**

Além do histórico do uso da flauta doce no “Perioto”, como comumente a escola onde atuo é chamada, há também outras razões que me moveram a desenvolver este projeto. A lei 11.769/08 que obriga o ensino musical na educação básica ainda não foi implementada em todas as escolas porque a maioria dos professores atuantes na disciplina de arte não possuem formação específica em música. Contudo, há um consenso entre educadores e pesquisadores de que a partir do momento que ações concretas em educação musical sejam praticadas haverá uma modificação no cenário educacional, no que se refere à formação musical dos alunos. Para isso há a necessidade de formações iniciais e continuadas em música, bem como políticas públicas em educação que viabilizem práticas pedagógico-musicais nas instituições de ensino. Não há dúvidas de que a área da educação musical vem se fortalecendo com o aumento de estudos a respeito da sua prática nas escolas e que novas metodologias estão sendo desenvolvidas.

Souza (2004) escreve em seu artigo que há necessidade de construirmos uma educação musical que considere e ressignifique o valor das vivências cotidianas dos alunos, relacionando essas experiências com o conhecimento da escola. Muitas vezes a música da maneira como se apresenta no livro didático e nas aulas, nega outras formas de aprendizagem capazes de relacionar as experiências do cotidiano ao conhecimento escolar.

Cabe a nós professores, como responsáveis por nossa docência buscar esse conhecimento para que a música faça parte da vida dos educandos. Se temos como objetivo e compromisso conduzir nossos alunos a apreciar, compreender e se aproximar da música, precisamos na escola, que é um espaço de construção e reconstrução do conhecimento, renovar e reconstruir as atividades pedagógica musicais.

A realidade do currículo escolar, a forma – conteúdo no processo de ensino – aprendizagem musical, não está ampliando as questões relevante da vida dos alunos para além do espaço da escola, deixando de representar um espaço que permita a nós, alunos e professores,

pensar o espaço real e desvendadas as complexidades da música como fato social (SOUZA, 2014, p.10).

## 2- CONTEXTO DA IMPLEMENTAÇÃO

Como já mencionado, o projeto foi implementado no “Perioto”, escola onde atuo, em Mandaguaçu. Este município foi fundado em 14 de dezembro de 1952. Localiza-se na Região Metropolitana de Maringá. Tem uma população de 21.672 habitantes e teve desde sua fundação a agricultura e pecuária como carros-chefes da sua economia, mas conta hoje com um distrito industrial com produções alimentícias, atacados de redes de supermercados, indústrias de confecções e equipamentos para açougue e supermercados. O setor industrial representa 16,8% do PIB de Mandaguaçu, serviços e comércio somam 24,15%. A fatia maior é representada pelo agronegócio, que inclui a criação de gado e frango de corte e o plantio de soja, milho e principalmente, cana-de-açúcar que é destinada à Usina Santa Terezinha para a produção de álcool e açúcar<sup>2</sup>.

Em Mandaguaçu há 9 escolas: 2 escolas de ensino fundamental públicas estadual, 2 escolas de ensino fundamental privadas, 5 escolas de ensino fundamental públicas e municipais e 1 escola de ensino médio pública estadual<sup>3</sup>. A cidade conta com uma Divisão de Cultura com 217 alunos matriculados em diferentes oficinas como: teatro, piano, teclado, ballet e violão.

Com relação ao colégio onde implementei a proposta, chamado carinhosamente de “Perioto”, foi criado em 02 de fevereiro de 1954 pela Lei Municipal nº 39<sup>4</sup>, sendo estadualizada em 1957 com o nome de Ginásio Estadual de Mandaguaçu. Em 30 de janeiro de 1993 com a Resolução 3563/93 recebe a denominação de Escola Estadual Professor Francisco José Perioto - Ensino de 1º Grau. Em 31 de agosto de 1998 com a Resolução 3120/98 procede a substituição da expressão Ensino de 1º Grau por Ensino Fundamental, passando a denominar-se Escola Estadual Professor Francisco

---

<sup>2</sup><http://maringa.odiario.com/parana/2009/08/mandaguacu-aposta-no-crescimento-da-industria/223498/> - acesso em 18/07/2016.

<sup>3</sup> <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=411410&search=parana|mandaguacu|infograficos:-informacoes-completas> - acesso em 18/07/2016.

<sup>4</sup> <http://www.mqcfranciscoperioto.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1>. Acesso em 20/07/2016.

José Periyoto - Ensino Fundamental e, funciona somente nos períodos matutino e vespertino.

Foi instituído na escola o Programa de Atividade Complementar Curricular em contraturno para atender a necessidade de se ampliar tempos, espaços e oportunidades educativas. As Atividades Complementares Curriculares em Contraturno estão organizadas nos seguintes Macrocampos: Cultura e Arte, que desenvolve uma oficina de musicalização com a flauta doce e Esporte e Lazer que trabalha o vôlei como atividade esportiva.

### **3- REFERENCIAL TEÓRICO: COTIDIANO NA SALA DE AULA**

A música está presente em praticamente todos os espaços, mesmo que de forma diferente. Para os jovens ela é indispensável, além de ser uma forma de comunicação. Ela os acompanha em casa, nas festas, no fone de ouvido, ou seja, no seu meio ambiente em geral. Essa presença tão marcante da música na vida dos jovens, associadas as suas experiências sociais e de mundo devem ser compreendidas pelos professores para que se possa propor uma pedagogia musical adequada tornando as aulas de música na escola mais significativas.

Os desafios educacionais que as mudanças sociais, culturais e tecnológicas do século XXI têm trazido atingem também a educação musical. Das várias teorias que existem sobre o ensino de música, as que estão pautadas no campo da sociologia da educação musical e que abordam o cotidiano e suas relações com a aprendizagem musical, estabelecem que “a aula de música deveria orientar-se naquilo que os alunos ouvem diariamente em seus contextos sociais, naquilo que eles trazem como hábitos e preferências musicais” (SOUZA, 2013, p.21).

De uma maneira geral essas teorias analisam que para ensinar música é preciso lidar com fatores sociais e musicais dos alunos, buscando a partir destes, possibilidades para ampliá-los. Para Souza (2000) a tarefa de quem lida com a aprendizagem musical, seja na escola, seja em instituições particulares é fazer experiências com possibilidades de expressão musical, introduzindo os conteúdos e as diversas funções da música sob condições atuais e históricas: “para ensinar música sempre deveremos interpor as

questões: qual conhecimento musical, para que e para quem ensinar” (SOUZA, 2000, p. 176).

Assim sua metodologia compreende que a educação musical não acontece apenas na aula de música, com seus conhecimentos. E que para construir um planejamento, uma metodologia é preciso ouvir o educando para decidir quais conhecimentos são importantes abordar. “Pois sabemos que elaborar um currículo em música, implica, sempre, tomar decisões sobre o que significa educar, quais conhecimentos são importantes e devem estar representados, quais valores e tradições culturais devem ser incluídos e quais devem ser excluídos” (SOUZA, 2000, p. 177).

Trabalhar nessa perspectiva, tanto em pesquisa como em situações pedagógicas, significa não fazer juízo de valores apressado, negativo nem positivo; significa um exercício de vigilância, de lapidação, de abertura epistemológica para as grandes transformações, rupturas e redefinições que o real nos apresenta e nos desafia. (SOUZA, 2000, p.177).

A opção por um padrão de educação musical pautado nas experiências do cotidiano passa a se orientar não na gramática da música, e sim, nos alunos, em suas vivências, então a metodologia passa a ser decidida em cada situação específica. Considerar a educação musical através de uma abordagem do cotidiano é uma opção para sanar algumas das dificuldades do ensino da música.

Os avanços sociais e tecnológicos trouxeram mudanças para as experiências musicais. “Por conseguinte, a aula de música (e não a música) tem gerado uma grande insatisfação tanto por parte dos alunos como dos professores” (Souza, 2000, p. 40). Esses acontecimentos atingiram as escolas específicas de música, gerando evasão dos alunos. As teorias que vinculam o cotidiano a aprendizagem musical possibilitam dar algumas respostas a estes desafios. “Elas permitem que os alunos falem e escutem mais, dando-lhes voz, mas, ao mesmo tempo, estimulando que eles escutem mais uns aos outros” (LOURO; SOUZA, 2013, p. 20).

A cultura midiática traz influências para as aulas de música e segundo Souza (2000) há valor em abordar pedagogicamente essa influência, o que significa reconhecer a importância pedagógica daquilo que os alunos trazem para a sala de aula como sendo importantes para o professor transformar sua



prática pedagógica numa ação significativa. Porém ao tematizar o cotidiano, o professor deve instigar uma consciência crítica, os valores e seus objetivos.

Nos estudos de Souza (2000) é destacado a importância de incorporar à escola os textos culturais que dominam a cultura do aluno, incluindo CDs, videogames, jogos eletrônicos, filmes, etc. Reconsiderando as noções de saberes úteis à escola onde o professor intervém nesses textos com o objetivo de dar um novo significado a eles. Essa concepção considera o cotidiano como ponto de partida e não como objetivo e propõe um planejamento menos rígido, onde professor e aluno podem agir.

De acordo com Souza (2000) as discussões sobre os malefícios da mídia atualmente se originaram de conceitos ultrapassados e de menosprezo pela competência midiática do educando em lidar com as tecnologias. “Em vez de serem simplesmente descartados, os produtos midiáticos devem ser questionados como um importante local de produção da cultura infantil”. Souza (2000, p. 166). Afirma ainda que, para incluir novas tecnologias, é preciso, formar uma consciência crítica que desvendem estruturas que servem a certos interesses.

Não há dúvida de que é possível aprender música sem os planejamentos tradicionais e a formalização da escola. E porque essas aprendizagens se tornam tão significativas, há pelo menos duas razões: 1) aprende-se tanto para si, pessoalmente, como também visando às situações sociais e coletivas relacionadas com a música; e 2) todas as situações cotidianas nas quais a música de alguma forma está integrada incluem componentes capazes de provocar a ação, como o trabalho com o corpo, com instrumentos próximos ou com a voz. (SOUZA, 2000, p.175).

Souza (2000, p.164) afirma que “a ação humana adquire significado somente em confronto com a realidade” e assim ela faz um paralelo com a aula de música que para ter significado para o aluno precisa estar aberta para um confronto com a realidade. “Dessa forma, tem-se como resultado prático não um currículo com planos de aula impostos e diretrizes questionáveis, mas, sim, um currículo feito de baixo para cima” (SOUZA, 2000, p. 164).

Ao procurar reconstruir uma dada realidade, retomando experiências e vivências musicais concretas que são vividas pelos alunos fora do cotidiano escolar, o conteúdo da educação musical pode ser repensado e redimensionado. A possibilidade de inclusão de novos campos amplia-se, e a pedagogia crítica de conteúdos adotada substitui uma

visão preconceituosa sobre meios de comunicação. (SOUZA, 2000, p.163).

Todas as escolas do Estado do Paraná receberam a flauta doce para auxiliar no processo de musicalização. Sendo assim não poderia deixar de incluí-la como material pedagógico. “O aprendizado de um instrumento musical pode proporcionar um melhor desenvolvimento cognitivo com benefícios ao comportamento e ao aprendizado do aluno” (DRECHSLER; KNORST, 2011, p. 100).

Quando um aluno aprende a tocar um instrumento sem os conhecimentos técnicos apropriados, sem ler partitura, ele se limita a usar sua percepção. No entanto, o que pode ser um processo lento no princípio, trará muitos benefícios no futuro, tanto para a banda, quanto para o próprio aluno, que poderá tocar uma peça musical sem maiores dificuldades...” (DRECHSLER; KNORST, 2011, p.103).

Dessa forma a proposta pedagógica apresentada teve a intenção de contribuir de forma positiva, estimulante e prazerosa com uma metodologia que possibilite a educação musical nas escolas, valorizando o meio sociocultural dos alunos.

## **4- METODOLOGIA**

### **4.1 Fundamentos metodológicos**

O trabalho apresentou uma proposta metodológica pautada nas experiências estéticas cotidianas. Segundo Souza (2000) essa opção coloca em pauta a relação teoria e prática e o valor do conhecimento musical.

Uma vez que a aula de música passa a se orientar não em objetos (na gramática da música), e sim, nos alunos, em suas situações, problemas e interesses. A metodologia passa a ser decidida em cada lugar e em cada situação específica. Isso significa questionar sobre os processos de socialização musical dos alunos, procurando conscientizar diversos conteúdos e relativizar ideias estéticas e valores. (Souza, 2000, p.39)

Usei como material didático, os meios de comunicação, de telecomunicação e a informática onde fiz intervenções, estabelecendo uma postura crítica, para que eles tomem um novo significado. Nessa proposta o planejamento não foi rígido, ele ficou em aberto para que o professor e o aluno pudessem agir.

Ao tematizar o cotidiano, é necessário incluir a formação da consciência crítica, os valores em seus objetivos, pois, no cotidiano encontram-se escondidas estruturas de comportamento - provavelmente servindo aos

interesses de outrem, e modelando, dominando e direcionando a existência – que devem ser clarificadas. Só assim, então, o aluno poderá fazer escolhas autênticas e autônomas (Freitas de Jesus, citado por Souza, 2000, p. 166).

As aulas foram estruturadas de modo a conter diversos elementos como: teoria e prática, prática auditiva passiva e ativa, escrita musical tradicional e analógica, criação musical, explorando os elementos formais presentes na música.

Usei a flauta doce, instrumentos de percussão os mais diversos, como também a voz falada ou cantada. Apresentei aos alunos vários estilos musicais diferentes o erudito, popular, folclórico, do nosso país e também de outras culturas através da apreciação e execução musical. O universo dos instrumentos da orquestra foi oferecido mostrando que eles também fazem parte do nosso dia a dia e do cotidiano dos alunos, abordando através das trilhas sonoras de filmes e desenhos os instrumentos utilizados e suas características sonoras.

Com a informatização da escola a tecnologia se torna um recurso educacional que apresenta possibilidades também para o ensino musical, o Audacity é um programa gratuito para gravação e edição de áudio ideal para registrar faixas de música ou realizar modificações nelas. Com suas ferramentas foi possível produzir histórias sonoras, criar diferentes trilhas musicais, adicionando efeitos.

As aulas ocorreram no laboratório de informática, utilizando computadores com o sistema Linux

Foram abordadas diferentes dimensões musicais ao longo do processo, envolvendo ouvir, apreciar, executar e experimentar e improvisar que se relacionaram de maneira flexível possibilitando a intervenção do professor e do educando no decorrer das atividades.

Em uma das atividades a turma foi dividida em equipes, escolhemos um tema e os alunos criaram em grupo uma narrativa. Após concluírem a narrativa eles representaram as cenas através de desenhos, passando a seguir para a fase da composição da trilha sonora onde utilizamos um software de edição de áudio no laboratório de informática da escola.

O trabalho de sonorização teve que ser finalizado no laboratório de informática da Escola em período contrário. Fizemos agendamento por grupos e contamos com a orientação de um monitor para auxiliar a atividade.

Tudo foi possível porque o laboratório encontrava-se em condições físicas de executar a atividade.

Percebi que os alunos são capazes de ilustrar um trabalho com vídeos produzidos por eles mesmo, usando seus celulares e depois editando na sala de informática. Nessa experiência constatei que não é preciso que o professor domine esse processo, pois os alunos dão conta dessas produções. O trabalho em grupos separados, com horários agendados, foi uma forma de contornar a falta de equipamentos e auxiliar de forma mais efetiva as produções.

## **5.2 Na prática como foi?**

### **5.2.1 Intervenções Pedagógicas Aplicadas**

Neste item discorro sobre os encaminhamentos para implementar a proposta. Ressalto que o projeto foi realizado com os alunos dos sextos anos, com uma carga horária de 32 horas divididas em 16 aulas de 2 horas aulas.

As atividades tiveram como ponto de partida a apresentação de dois painéis, um painel dividido em várias categorias intitulado “Música para quê?” que ficou exposto na sala de aula para que os alunos preenchessem no decorrer das semanas com sugestões de músicas que se enquadravam nas descrições sugeridas com a finalidade de transformar-se em trilhas sonoras específicas que fizeram parte de uma produção musical em equipe ao final da proposta pedagógica. No outro painel intitulado “Top 10” cada aluno colocou uma sugestão de música que gostaria de ouvir durante a execução de atividades teóricas dos conteúdos musicais ou no recreio da escola.

No processo de escolha musical, percebi que as indicações se repetiam e que o repertório escolhido era comum a maioria dos alunos. Houve sempre muita empolgação nesse processo de sugestão e escolha de repertório. Todos falavam ao mesmo tempo e se envolveram muito na escolha.

A partir da seleção musical do painel “Top 10” e Música para quê?” fiz uso dessas composições para abordar os elementos sonoros, e exemplificar os conteúdos propostos, bem como utilizei como repertório para as atividades com a flauta doce. Cantamos as músicas com acompanhamento de gestos e movimentos corporais (palmas, batidas de pés). Explorei os elementos sonoros ao pedir que cantassem mais rápido, mais devagar, mais alto, mais baixo, mais grosso, mais fino, só as vozes masculinas, só as vozes femininas, ou seja, cantaram cada frase da música com uma dinâmica, trabalhando assim os elementos sonoros (altura, duração, intensidade e timbre). Outra proposta de exploração dos elementos sonoros foi apreciar em grupo, músicas que os integrantes tinham no celular. Depois procuraram uma "batida" regular para acompanhar o ritmo da música e apresentaram para os colegas os resultados. Em uma outra proposta, escolhemos algumas músicas para em roda inventar maneiras de passar uma bola (por cima, por baixo, de lado, etc ) mantendo o pulso da música.

A cada música que foi sendo sugerida, procurei discutir, qual o gênero musical, qual os instrumentos que eram utilizados, analisando as letras com o objetivo de identificar o repertório dos alunos e ampliá-lo através dessas discussões. O trabalho foi pautado na teoria do cotidiano e dessa forma pude perceber que ao aproximar a aula de música da vivência dos educandos promovi um diálogo com os aspectos da vida social dos meus alunos e o ensino musical se tornou agradável e significativo.

Após as atividades desenvolvidas foi possível perceber um crescimento gradativo do entendimento das percepções sonoras, uma maior facilidade de obedecer aos comandos para a execução das atividades musico-pedagógicas bem como das partituras propostas. Os alunos passaram a silenciar e a controlar o impulso de tocar o instrumento, aguardando os comandos.

Com a execução das atividades fui percebendo os grupos de alunos que tinham algum contato com a música nos seus grupos sociais, familiares, religiosos ou outros meios. Encontrei também, alunos que não conseguiam estabelecer qualquer relação com a proposta de musicalização e assim esse grupo levou algum tempo para compreender os objetivos da aula de música.

Conseguí observar que as mudanças de horário das aulas, algo recorrentes na escola onde desenvolvi o

projeto, prejudicavam o andamento da implementação. Quando as aulas geminadas, por solicitação para a proposta, aconteciam no primeiro horário, o rendimento e disciplina eram facilitadores do processo, e quando aconteciam nos últimos horários o trabalho era prejudicado, pois os alunos ficavam mais dispersos e a indisciplina era maior o que gerava uma perda de tempo para controlar a turma e conseguir a concentração do grupo.

Outra dificuldade encontrada foi a disponibilidade de instrumentos para apenas uma turma. Não foi possível estender o planejamento, durante o mesmo período, para outras turmas. Mesmo propondo que os alunos adquirissem o instrumento, que tem um valor comercial razoavelmente acessível, foram poucos alunos que fizeram essa aquisição. Percebi a necessidade de disponibilizar o instrumento para uso em casa, pois isso facilitou o aprendizado e a apropriação dos conhecimentos propostos. Assim o planejamento e aplicação da proposta ficou restrito a uma turma.

O repertório sugerido teve boa aceitação, as músicas utilizadas foram: Bruninho & Davi - E essa boca aí, Maxi Espindola- Despacito, Bailando - Enrique Iglesias, Essa mina é louca – Anitta, Vidinha de balada - Henrique e Juliano, Dançando - Ivete Sangalo, Mc g15 – Deu onda, Namorar pra que e Partiu - Mc kekel, Olha explosão - Mc kevinho, Cheia de marra - Mc Livinho, Você partiu meu coração – Nego do Borel, Naiara Azevedo - 50 reais, Maiara e Maraisa - No dia do seu casamento, entre outras. Realizei uma pesquisa de repertório no ano anterior a implementação a proposta e assim existia uma expectativa em relação a aceitação das sugestões, mas de maneira geral não houve necessidade de mudanças de repertório. Os alunos ficaram motivados, porém acredito que se houvesse mais tempo para aplicação da proposta outras músicas seriam trabalhadas, pois sempre teve sugestões sendo solicitadas. As músicas utilizadas no material didático decorrentes da pesquisa prévia foram : Hallelujah (Aleluia) - Tema do filme Sherek, A Thousand Years – Christina Perri, Let it Go, Aquele1%, País do Futebol - Mc Guimê.

### **5.2.2 As estratégias de ensino comentadas nos grupos de discussões**

Ao longo deste Plano de Desenvolvimento Educacional estive coordenando grupos de discussões online, Grupo de Trabalho em Rede (GTR)

que é uma das estratégias utilizadas pelo Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) para socializar, com os demais professores da rede, os estudos dos professores participantes do Programa. O grupo iniciou os trabalhos em abril de 2017 e encerrou no dia 22 de junho de 2017. Participaram do grupo 20 professores com formação em Arte, com diferentes especializações, artes visuais, música e teatro.

A participação dos professores nos fóruns de discussão e diário deixaram evidentes a preocupação com a formação específica e as perdas e ganhos em relação às aulas de música lecionada por um professor especialista e as que não são realizadas pelo professor com formação específica.

Percebi a importância que os participantes tinham, de ter segurança sobre o conteúdo a ser abordado, buscando por formação específica para lecionar. As experiências em sala e as trocas de conhecimento proporcionaram adequações as atividades propostas, tornando a implementação mais significativas, ampliando as possibilidades de atuação. O grupo era composto por uma maioria de professores habilitados em música, com experiência em educação musical. Eles tiveram uma visão crítica do planejamento, questionando as dificuldades que poderiam surgir na execução das atividades. Questionaram o tempo sugerido e as dificuldades de execução das atividades (materiais, espaço físico disponibilidade de aulas geminadas, entre outras) e colaboraram com sugestões de adaptações possíveis a minha proposta.

As contribuições dos professores no Grupo de Trabalho em Rede - GTR, foram muito importantes para compreender como está sendo o processo do ensino de música nas escolas, as possibilidades de intervenção e ações que vem sendo estruturadas. De um modo geral é possível verificar em seus relatos que eles têm a consciência de que ensinar música é uma tarefa importante e que a falta de professores especialistas não pode ser motivo para deixar a educação musical fora do currículo de arte. Nos relatos a maioria dos participantes proporcionavam momentos de apreciação, musical em suas aulas de arte e foi possível identificar que no trabalho de cada docente, ensinar música “faz-se necessário e que o professor de música sem formação específica ofereça o mínimo de atividades musicais para os alunos. Assim, ficou claro que, se não há pessoas qualificadas para trabalhar com música é

possível desenvolver algumas atividades musicais a partir da percepção e apreciação.

Contudo, o professor com formação específica em música ou que toque algum instrumento pode tornar as aulas mais consistentes, pois ele poderá exemplificar e responder as dúvidas de forma prática. Além disso, é preciso entender muito bem do assunto, ter conhecimentos de História da Música, saber relacionar diferentes momentos históricos e estilos para construir uma visão crítica sobre o tema. Tem muitos professores de música, sem licenciatura em música e só com ela seria possível dar conta das especificidades de uma sala de aula. É importante que o governo abra concursos e invista na formação musical de quem já está na sala de aula, pois há muito a fazer.

Percebi que as pessoas envolvidas estão dispostas a fazer a diferença como docentes. Essa experiência proporcionou-me a compreensão do cenário que envolve o ensino de música nas escolas públicas. É possível acreditar nas melhorias, apostando em ações efetivas de capacitação de professores que tem interesse em prosseguir com atividades envolvendo essa área do conhecimento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta proposta pedagógica considerou as condições de socialização musical que os alunos possuem para, a partir delas, propor uma pedagogia musical para ensinar música. Dessa forma o professor precisa ter uma disposição para lidar com as vivências cotidianas dos alunos, aproveitando situações concretas dessa vivência para articular e até mesmo modificar e transformar as atividades padronizadas nessa proposta. As aulas de música relatadas nesse trabalho devem ser pensadas e modificadas para atender objetivos pedagógicos musicais específicos e únicos de cada turma escolar em que for aplicada. Com isso é necessário que o professor ouça o que os alunos dizem sobre suas experiências musicais, orientando assim as atividades sobre a perspectiva desse aluno, o que não permite uma metodologia fixa e sim uma pedagogia musical relacionada com o mundo e as vivências musicais dos alunos. A metodologia passa então a ser decidida de acordo com situações e lugares específicos.



O estudo teve como objetivo desenvolver estratégias didático metodológicas para o ensino de música em sala de aula, tornar as aulas de música mais significativas e buscar novas formas de atuar como docente da disciplina de arte colaborando para o reconhecimento da educação musical e o seu valor na formação dos cidadãos.

Considero os objetivos alcançados por meio das estratégias traçadas no plano de intervenção e aplicação das tarefas propostas. Compreendi que embora haja falta de profissionais na área de música, algumas ações internas possibilitam mudar o cenário frente as dificuldades que enfrentamos e fazer com que as problemáticas se convertam em objetivos a serem alcançados no coletivo é uma maneira de transformar a realidade.

A elaboração de material didático pedagógico para subsidiar a minha ação em sala de aula, buscou aproximar a aula de música das vivências do aluno e foi estruturado nas teorias do cotidiano. Neste sentido, objetivou promover um diálogo com os aspectos que a vida social apresenta, para tornar o ensino de música mais significativo.

Nesse processo, fui refletindo sobre a minha prática na educação musical, bem como sobre os materiais e atividades que até então utilizei em minhas aulas. Assim ao realizar as atividades de educação musical com alunos do 6º ano, tive que tornar o material didático flexível e sujeito a alterações que se ajustavam a proposta, aos objetivos e interesses dos educandos.

Compreendi nesse processo de formação, que sem disposição para lidar com as condições de socialização musical dos alunos, e, a partir delas procurar ampliar esses conhecimentos, não atingiria uma prática musical significativa. Isso porque ao entender que as situações diárias podem ser relevantes e incorporadas na aula de música, me vi frente à exigência de lidar e aceitar sem preconceitos o mundo musical que meus alunos possuem.

Assim, por meio do PDE tive a oportunidade de desenvolver uma prática musical significativa em sala de aula. Portanto, a proposta aqui relatada, cumpriu o compromisso de levar música à escola, fazendo a diferença na educação dos meus alunos e em minha própria formação e ação docente.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

DRECHSLER, Rodrigo; KNORST, Heitor Miguel. Bandas Marciais das escolas municipais de Gramado. In: SOUZA, Jusamara (Org.). *Música na Escola: propostas para implementação da Lei 11.769/08 na rede de ensino de Gramado, RS*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2011.

LOURO, Ana Lucia(Org.); SOUZA, Jusamara (Org.). Educação musical, cotidiano e ensino superior. Porto Alegre : Tomo Editorial, 2013.

SOUZA, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. Revista da ABEM, v. 12, n. 10, 2014.

SOUZA, Jusamara. Música, cotidiano e educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Música--Mestrado e Doutorado, 2000

SOUZA, Jusamara. Música na Escola: propostas para implementação da Lei 11.769/08 na rede de ensino de Gramado, RS. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2011.

TEIXEIRA, Walmir Marcelino. Caderno de musicalização: canto e flauta doce. Secretaria de Estado da Educação–Departamento de Educação Básica. Curitiba: SEED, 2008.